

Diogo do Couto

AS DÉCADAS PORTUGUEZAS

(Conclusão. Vid. pag. 217)

II

DIOGO DO COUTO

Não é facil encontrar um successor a homens como João de Barros. A eloquencia, que a morte afugentou, chora viuva sobre o seu tumulo, e resiste por seculos ás vezes ao convite dos que pretendem colher nos seus labios o beijo inspirador da musa da historia. Estas grandes vozes deixam após si um echo tão prolongado, que não permittem que mais alguma se eleve, nem mesmo para completar ás vezes a phrase interrompida. Quando Mirabeau morreu, interrompendo a discussão de um projecto, ninguem ousou succeder-lhe na tribuna; e, como se a sua voz, mesmo d'além tumulo, mesmo trémula e entrecortada pelas ultimas agonias, tivesse mais poder do que a voz vibrante dos vivos, Talleyrand leu um discurso posthumo do grande orador, e a discussão cessou respeitosamente diante da palavra d'esse genio, a que a morte acabava de dar a sua ultima e sublime consagração.

Pela morte de João de Barros ficaram por muito tempo interrompidas as *Décadas*. Dizia-se que o grande escriptor deixára manuscriptos incompletos, ou por emendar, e todos preferiam possuir esse testamento do genio a tombar da altura épica, onde João de Barros pozera a historia, na prosa chilra de algum insulso continuador. Comtudo, os annos corriam sem que fosse dada á estampa nenhuma outra década além da terceira, e sabia-se definitivamente que havia uma quarta esboçada apenas, ou pouco mais do que esboçada. A necessidade de registar os grandes feitos que os portuguezes continuavam a praticar no Oriente estava sendo cada vez mais sensivel, e tanto mais quanto se podia já prever que eram essas as sublimes convulsões da agonia, e que a torrente dos marinheiros do Norte ia em breve alastrar o campo da nossa gloria, e apagar talvez para sempre a memoria do nome portuguez. Era indispensavel acudir a tempo á conservação das gloriosas memorias do nosso dominio n'essas terras orientaes; era necessario que a posteridade não ignorasse que os filhos dos Almeidas e dos Albuquerques tinham sido ainda dignos dos seus antecessores, e que fôra só a fortuna contraria, e não a degeneração militar dos portuguezes, a causa principal das nossas primeiras desventuras.

Vivia então e militava na India um homem, em quem todos reconheciam e respeitavam um talento notavel e uma profunda erudição. Constava que elle, empunhando n'uma das mãos a espada e n'outra a penna, como o seu contemporaneo e amigo Camões, fôra consignando os feitos a que assistira, e que o livro d'essas memorias já constava da narração do que se passára na India no tempo de Filippe I de Portugal e II de Castella. Era tal a reputação do historiador soldado, que domou a inveja dos émulos e o amor proprio dos escriptores seus conterraneos, de fórma que, desejando el-rei de Hespanha, tanto para lisongear os seus novos subditos, como tambem para illustrar o seu nome, como o dos reis seus predecessores portuguezes havia sido illustrado, desejando elle, pois, que se continuassem as *Décadas* de Barros, e que se gravassem nas bronzeas taboas da historia os subsequentes annaes das conquistas no Oriente, a voz publica logo lhe indigitou Diogo do Couto como o unico homem capaz de se abalançar a tal empreza, e de

não desmaiar na ardua tarefa de ser continuador de Barros, e isto apesar d'elle residir na India, longe da corte, e, por conseguinte, na impossibilidade de attrahir sobre si as vistas do monarcha. Nomeação mais imparcial nunca a houve de certo, e Diogo do Couto podia dizer ufano que era o seu merito, e só o seu merito incontestado e reconhecido por todos, que fôra a causa da honra que recebia.

Levado, pois, pelo rumor publico elogioso do talento de Couto, e pelo acaso de já os trabalhos historicos não serem estranhos ao escolhido, pois que por sua propria conta narrára as coisas da India, D. Filippe enviou-lhe uma carta régia, em que o nomeava chronista das Indias, e encarregava de continuar as *Décadas* de Barros, desde o fim da terceira, que terminava com a morte do governador D. Henrique de Menezes. Para lhe facilitar as investigações, nomeava-o el-rei guarda da Torre do Tombo de Goa, estabelecimento cuja erecção era devida tambem ao monarcha intruso, e onde os governadores haviam recebido ordem de collecionarem todos os documentos relativos á direcção e administração das coisas do Oriente. Isto foi, para os devidos effeitos, communicado egualmente ao vice-rei Mathias de Albuquerque.

Aqui temos, pois, Diogo do Couto, moço de honrada estirpe, educado pelos jesuitas, e possuidor de um talento e de uma erudição não vulgares, a braços com a ardua empreza de luctar com o altisonante Barros, de juntar mais alguns lanços ao monumento erguido pelo seu antecessor, de accrescentar outras estatuas ás que já haviam sido postas no pantheon da gloria portugueza por esse Phidias historiador.

Comtudo, contra a espectativa geral, a quéda não puniu a audacia da empreza. Icaro seguiu Dedalo sem que a cera das azas se lhe fundisse ao calor do sol; Phaetonte acceitou das mãos de Apollo as redeas dos fogosos cavallos sem que o carro doirado se lhe despenhasse por alcantis e fraguedos desconhecidos; o Titão ousava subir ao Olympo, sentar-se no banquete dos deuses, tomar o seu quinhão da ambrosia e do nectar, sem que um monte, servindo-lhe de campa, lhe castigasse a ousadia; Prometheu roubava, em fim, o fogo sagrado sem o abutre lhe vir devorar o figado. O talento subia á altura do genio, e não ficava esmagado pelo confronto. É certo que o nome de Diogo do Couto, sem ser conhecido e respeitado pelos estrangeiros como o de João de Barros, cinge-se entre nós de uma auréola que, sem ser reflexo da do seu antecessor, não empallidece demasiado comparada com o fulgido clarão da luminosa coroa do Livio portuguez.

Parece-me que dei agora, dizendo que a sua auréola não é reflexo da do seu antecessor, a chave do enigma a quem se espante do que dizemos, a quem estranhe que, reconhecendo o logar inferior que Diogo do Couto occupa, em relação a Barros, na lista dos grandes escriptores, confesse eu ao mesmo tempo que não é desproporcionada a lucta. Effectivamente, o unico meio de luctar com um homem de genio é não o seguir. Uma individualidade bem caracterisada, quando não é a individualidade de um tolo (e esses não a tem, formam uma especie que não é senão a reproducção de um typo unico), uma individualidade, pois, tem sempre em si mesma um certo interesse, que lhe permitte o supportar, sem grande desvantagem, a lucta com outro qualquer, ainda que este seja reconhecidamente superior. «Um homem na sua propria casa, dizia o marquez de Pombal, é tão forte, que até depois de morto são necessarios quatro para de lá o tirarem.» O mesmo podêmos dizer de um escriptor. Entrincheirado n'uma individualidade sua, bem sua, o escriptor, mesmo vencido, tem as honras da lucta, tem a gloria de ter aberto um caminho, mais ou menos vasto, na selva do espirito humano. A imaginação que assim o guiou por novas sendas, se não é resplendente como um sol, tem pelo menos o fulgor da estrella, e não o pallido reflexo do satellite.

Ora Diogo do Couto, em presença da poderosa individualidade de João de Barros, soube conservar a sua independencia de escriptor. Quizesse-o elle seguir no caminho percorrido tão brilhantemente; deixasse-se deslumbrar pela admiração da Europa, e quizesse reivindicar esse legado de gloria, e o seu vulto sumir-se-hia na sombra immensa projectada pelo grande homem que marchava na sua dianteira. Não procedeu assim. Entrou em novo trilho, e, á luz menos deslumbrante mas egualmente limpida do seu talento, o seu vulto projecta a sua propria sombra no campo da nossa historia litteraria. Essa eloquencia concisa e brilhante de João de Barros quem ousaria imital-a? A trama cerrada e atochada de seu estilo quem ousaria continual-a? Diogo do Couto teve o bom senso de o não fazer. Percebeu que o raio de Jupiter nas suas mãos, em vez de fuzilar e de assombrar os timidos mortaes, não fazia senão abrazal-o a elle mesmo; e, deixando a aguia desprender o vôo altivo, affrontar a luz do sol, e poisar nos alcantis inaccessiveis, despregou elle as suas azas mais timidas, e cortou sereno o ambiente.

O seu estilo, se não tem o nervoso vigor de Barros, esses lampejos successivos que em cada palavra nos deslumbram, esses rasgos audaciosos que de quando em quando nos deixam ficar extaticos, possue em compensação uma fluencia agradavel, e uma limpidez inalteravel e constante; não é uma torrente que desaba em cachões espumosos, é um rio que vae correndo na planicie, reflectindo a paizagem e os monumentos que da praia se debruçam a espelhar-se-lhe no cristal. Vivendo ainda no principio do seculo XVII os trocadilhos d'essa litteratura depravada que principiava então, não chegaram a turvar a veia do seu estilo, e, comtudo, presente-se que o marinismo está proximo. «Os castelhanos, diz elle algures, taes castellos de vento armaram aos naturaes de Tidor...» A intenção do jogo de palavras já é evidente; a gravidade do estilo do historiador já está a pique de sossobrar. Comtudo, nos oitenta e tantos livros das *Décadas* de Couto só de longe a longe apparecem estas máculas insipientes.

Mas se o estilista não póde por forma alguma competir com a eloquencia magestosa de João de Barros; se a lingua portugueza, sem perder uma só das suas galas, e sem se desfigurar com ouropeis, não ganha novos esplendores, e espera que a voz poderosa de Antonio Vieira a levante de novo a alturas vertiginosas, em compensação o historiador, o narrador e o apreciador dos factos não só não fica inferior a João de Barros, mas até mesmo o excede. É n'isto que vemos o acerto com que Diogo do Couto, escolhendo um outro rumo, conseguiu resplandecer com luz propria na lista dos nossos chronistas, e não ficar sepultado no immenso fulgor que irradia o genio do amigo de D. João III. Narrando com singeleza, mas narrando com exactidão, e apreciando com supremo tacto, Diogo do Couto torna-se credor da estima da posteridade, a quem ás vezes revoltam as apreciações cortezãs de João de Barros, e a ausencia do sentimento do justo que nacionaes e estrangeiros encontram n'essas paginas soberbas, onde os esplendores da phrase não podem occultar a suprema indifferença com que o chronista das Indias narra os actos de crueldade, de avareza e de injustiça, praticados pelos nossos valentes mas ferozes avoengos.

Não diremos, e seria isso exigir muito de um escriptor do seculo XVII, e de um escriptor educado pelos jesuitas, que Diogo do Couto conte certos acontecimentos com a indignação que elles nos inspiram, mas conta-os com a franqueza de um soldado cavalheiroso, habituado aos horrores da guerra, costumado a considerar quasi como animaes ferozes os homens que

não pertencem á communidade catholica, mas a quem a perfidia revolta, e que não vê tranquillamente actos de fria barbaridade. Ora é essa a grande vantagem que Diogo do Couto leva a João de Barros. Este ultimo tem, é verdade, á sua disposição todos os documentos necessarios, mas tambem el-rei os tem, e el-rei, ou se chame D. Manuel ou D. João III, lança em ferros Duarte Pacheco, põe de banda, como um instrumento inutil, Vasco da Gama, dá razão contra D. Francisco de Almeida a todas as insubordinações dos chefes militares, a todas as intrigas dos escrivães, mata Affonso de Albuquerque á força de desgostos, e nega justiça a Pedro Mascarenhas, apesar da audacia com que o seu competidor Lopo Vaz de Sampaio desprezára e vilipendiára as ordens régias. João de Barros vê os acontecimentos do Oriente pelo prisma da corte; regalado e amimado na sua quinta de Alitem, não póde comprehender os trabalhos e os soffrimentos d'aquelles que, por noites de temporal, vêem no mar alto a morte cem vezes diante dos olhos; d'aquelles que affrontam serenamente o clima da costa africana, as inimizades do Malabar; d'aquelles que pelejam, soffrem e morrem, e que vêem tantos serviços, tantos padecimentos menosprezados por um rei ingrato, que ouve mais as palavras aduladoras da sua camarilha de intrigantes do que o mudo protesto que sae pelas bocas das feridas ainda gotejantes de sangue, que o ferro inimigo abriu no peito dos heroes da India, dos heroes que tem por unica recompensa as algemas a magoarem-lhes as cicatrizes do pulso que vibrou a espada.

Mas Diogo do Couto está em circunstancias muito differentes. Diogo do Couto vive e combate no Oriente, soffre o que os seus heroes soffreram, lamenta, como elles lamentaram, as ingratidões e a cegueira da corte, assiste de perto ás intrigas, ás miserias, ás atrocidades dos portuguezes. Da medalha, cujo esplendor João de Barros contemplára de longe, vê elle de perto o verso e o reverso. Espirito elevado, assiste ao desabamento do nosso imperio, e segue com profunda tristeza o trabalho nefando das torpezas que o alluem. Tudo isto se reflecte nas paginas das suas *Décadas*, e isso mesmo, ainda quando Diogo do Couto possuisse a eloquencia de Barros, bastaria para apagar na historia os traços épicos com que se tentasse delineal-a. Dos vultos que ao longe se assimilham a heroes de Plutarcho, vê elle as fraquezas humanas e os crimes. D'ahi menos enthusiasmo pelos heroes, mas justiça mais exacta. Dos reis a que o mundo chama grandes vê elle tambem os erros e as indignidades. Eis o motivo por que as *Décadas* de Diogo do Couto não são escriptas com enthusiastica eloquencia, mas antes com simples e severa austeridade.

Como dissemos no estudo anterior, o acaso de se ter publicado a 4.ª década de Barros depois de já estar escripta a 1.ª de Couto, versando ambas sobre o mesmo assumpto, facilita a comparação dos dois escriptores. E tanto melhor se póde conhecer na confrontação das duas narrações o caracter differente que attribuimos aos dois escriptores das *Décadas*, quanto mais se presta ao desenvolvimento d'esse caracter o periodo, cujos acontecimentos deviam transmittir aos vindouros. Era esse periodo o que se seguiu á morte do vice-rei D. Henrique de Menezes, e foram os seus acontecimentos capitaes a questão de Lopo Vaz de Sampaio com Pedro Mascarenhas, facto escandaloso, deixado impune, ainda mais, legitimado por el-rei, que assim auctorisou todas as futuras insubordinações, e deu azo ás miseraveis dissensões que, mais ainda do que os hollandezes e a tyrannia hespanhola, deram cabo do nosso imperio oriental.

Já vimos o modo como João de Barros encara este debate, a ligeireza com que narra os factos, e lhes vae descobrir causas frivolas e lisongeiras para o poder monarchico. Nem uma reflexão melancolica sobre o desprestigio que essa lucta dava ao nome portuguez, nem um brado de indignação, mais ou menos comprimido, contra aquelles que deixavam macular a real bandeira, arrastando-a pelos tremedaes das suas ambições mesquinhas! Nada de tudo isso. João de Barros, como o rei, como a corte, parece acreditar que o successo tudo legitima, e nada acha de extraordinario nas peripecias repugnantes d'essa partida onde se jogava o vice-reinado da India, como no tempo da decadencia de Roma se jogava o imperio a dados nos acampamentos das legiões provinciaes, ou nas casernas dos pretorianos. O monarcha houve por bem dar um *bill de indemnidade* ao jogador feliz, e, depois d'isso, João de Barros nada mais tem que dizer. Pedro Mascarenhas, o vencedor de Bintam, o escolhido pelo proprio D. João III para o difficil encargo de governador da India, que faça na miseria e na obscuridade amarga penitencia por ter acreditado na palavra dos reis, e por ter exposto a sua vida, e ter sido lançado ignominiosamente em ferros para não abandonar a defesa da legalidade.

Que differença em Diogo do Couto! Com que profunda tristeza nos conta elle essas miserias, como nos descreve o espanto dos rajahs indianos em presença d'esta anarchia repugnante que lavra nas fileiras dos seus vencedores! Que mal reprimida colera a sua quando narra as prepotencias de Lopo Vaz, a indignidade de um monge que do alto do pulpito, do alto da cadeira sagrada, fomenta o odio e a divisão entre aquelles a quem devia prégar paz e justiça! Com que repugnancia nos falla nos miseraveis enredos do usurpador, chamando ao seu partido os capitães das fortalezas, comprando uns, ameaçando outros, illudindo os honestos, introduzindo creaturas suas no tribunal que deve julgar a pendencia! Não é já um cortezão o escriptor, é um soldado franco e leal a quem estas intrigas indignam, e que sente ruborisarem-se-lhe as faces vendo a gloria immensa dos portuguezes arrastada no lodo pelos mesmos que haviam inscripto acções tão grandiosas nos annaes da sua patria.

Eis, em quanto a mim, o grande merecimento de Diogo do Couto: eis o que faz com que a sua mais modesta gloria não empallideça junto da gloria esplendida de João de Barros. Este ultimo, desenvolvendo todos os recursos da eloquencia, transmittiu aos vindouros a brilhante epopéa em prosa dos feitos portuguezes; Diogo do Couto, empunhando o lapis severo do historiador, em vez do pincel maravilhoso do colorista, desenhou com perfeita exactidão as scenas que se passavam no Oriente, inundando-as de luz quando era necessario, mas não poupando as sombras, quando as sombras lhe appareciam. Assim, nas suas *Décadas* apparece o quadro escrupulosamente verdadeiro das nossas guerras indianas; e tal é a grandeza épica dos nossos heroes, que, ainda mesmo descidos do pedestal, ainda mesmo reduzidos ás proporções communs da humanidade, deslumbram e maravilham os seus degenerados descendentes.

M. Pinheiro Chagas.

CIDADE DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE

(Vid. pag. 220)

As melhores praças e largos da cidade são: o de *S. Paulo* (vid. a gravura a pag. 201), que é arborisado e guarnecido de alegretes de flores, e para o qual fazem frente o palacio do governo e a alfandega.

O *largo da União*, tambem chamado do *Pelourinho*, é uma praça quasi quadrada, em cujos angulos desembocam quatro ruas. Tem um dos lados guarnecido de acacias, e no centro uma columna de pedra de oito metros de altura, assente sobre uma base de um metro e tres centimetros de altura, e coroada

com uma esphera armillar de ferro. Foi executada esta obra por ordem de D. Diogo de Sousa Coutinho, que exerceu o cargo de governador geral de Moçambique de 1793 a 1797.

Largo da Saude é uma praça quadrilonga, muito irregular, para a qual deitam o *hospital militar* e a *capella de Nossa Senhora da Saude*. No meio da praça ergue-se um obelisco de quatro faces, cercado de algumas arvores. O obelisco tem sete metros de altura, e a base dois metros. Serve-lhe de remate uma coroa real. Lançou a primeira pedra nos alicerces d'este monumento, no dia 6 de fevereiro de 1826, o governador geral Sebastião Xavier Botelho, em memoria de ter assumido el-rei D. João VI o poder absoluto.

Tem esta cidade tres mercados publicos; dois denominados *bazares*, em que se vendem frutas, hortaliças e mais generos de consumo diario, e o terceiro chamado *banca do peixe*, cujo nome designa o seu destino. Porém os primeiros, que são os melhores, compõem-se de pobres barracas cobertas de folhas de palmeira.

Não ha uma unica fonte em toda a ilha. Entretanto, alguns poços e numerosas cisternas abastecem de agua a povoação. Os edificios publicos e a maior parte das casas particulares de construcção regular tem cisternas que recolhem bastante agua.

São quatro os cemiterios publicos: o de *Nossa Senhora da Saude*, junto da capella da mesma invocação, no qual se enterram os individuos que fallecem no hospital e a gente pobre da cidade de religião catholica; outro, tambem catholico, fundado modernamente pela camara municipal; o dos *baneanes e bathiás*, e o dos moiros.

As fortificações consistem em duas fortalezas e um fortim. A *fortaleza de S. Sebastião* é a principal d'estas obras de defensa. Está edificada sobre rochas, com muralhas dobradas de cantaria, baterias rasantes, e quatro baluartes, com cem peças de artilheria que dominam o porto e toda a ilha. Dois baluartes estão voltados para o mar e dois para o lado da terra. Encerra quarteis para tropa, nos quaes está aquartelado o batalhão de infanteria; tres cisternas; a *capella de Nossa Senhora do Baluarte*, e a arruinada *egreja de S. Sebastião*, de que fallámos. Foi o grande vice-rei da India, D. João de Castro, quem escolheu o sitio, fez o plano e começou a construcção d'esta fortaleza, que em diversas epochas tem sido reparada e melhorada. Acha-se em bom estado de conservação. Está situada na ponta nordéste da ilha, e separa-a da cidade o vasto *campo de S. Gabriel*, cortado por duas alamedas de frondosas arvores, que conduzem do portal da fortaleza ás ruas da cidade denominadas *S. Paulo* e *S. Sebastião*.

O *forte de S. Lourenço* está construido na extremidade opposta da ilha, que é a ponta de sudoéste, sobre rochedos, distantes da mesma ponta uns oitenta metros, e que na maré cheia ficam cercados pelo mar. É pequeno e tem poucos canhões. Fóra das muralhas tem uma cisterna. Foi edificado para defesa do canal entre a ilha e a ponte da terra firme denominada de *Sancule*. Actualmente acha-se este forte em muito mau estado.

O *forte de Santo Antonio* ergue-se em terreno pouco elevado, quasi no meio da costa do lado do suéste. É ainda mais pequeno que o de *S. Lourenço*. Defendiam-n'o antigamente duas peças, hoje, porém, está desguarnecido. É n'este forte que se acha a *capella de Santo Antonio*, de que já tratámos acima. No campo visinho, em frente da porta do forte, vêem-se as ruinas de um edificio que foi paço de verão dos prelados de Moçambique. Parece que teve por fundador D. Fr. Amaro de S. Thomaz, religioso dominico, o qual governou a prelazia de Moçambique com o titulo de bispo de Pentacomea, desde o anno de 1781 até 1801, em que falleceu.

O porto de Moçambique é formado por uma enseada da mesma ilha, e pelas ilhas de S. Jorge ou de Goa, e de S. Thiago ou de Sena, distantes da ilha de Moçambique pouco menos de uma legoa. Tem, pois, este porto mais de duas legoas de circumferencia, onde offerece ancoradoiro amplo, commodo e seguro aos navios de maior lotação. A sua entrada é de facil accesso, podendo os navegantes escolher, segundo a feição do vento, a barra d'entre aquellas ilhas que mais lhes convier.

Os estabelecimentos de instrucção publica são pouco importantes. Ha uma eschola de instrucção primaria, que foi instituida em 1799 por ordem do governador Francisco Guedes de Carvalho Menezes da Costa. Foi a primeira que se creou em toda aquella nossa possessão da Africa Oriental! O decreto de 14 de agosto de 1844, sobre a organisação da instrucção primaria no ultramar, creou, além das escholas rudimentaes, uma eschola principal em cada provincia, onde se ensina ler, escrever, contar, grammatica, doutrina christã, principios de geographia, de historia sagrada e portugueza, desenho linear, noções de geometria pratica, de escripturação mercantil, dos productos naturaes da respectiva provincia, e de physica applicada á industria e á economia domestica. A eschola principal de Moçambique tem mais, desde 1857, um curso regular das linguas latina e franceza. No anno de 1857 foi esta eschola frequentada por 63 alumnos.

Ha tambem uma eschola regimental no quartel do batalhão de infanteria, a qual teve principio em 1855, e foi reformada em 1858. Estes estabelecimentos são superintendidos por um *conselho inspector de instrucção primaria*, creado pelo citado decreto de 14 de agosto de 1845, mas que funcciona ha poucos annos. Por decreto de 2 de abril de 1845 foi determinada a organisação de estudos medicos nas provincias africanas, porém cremos que não teve execução. Outro tanto succedeu a respeito do jardim botanico, que foi mandado fundar por um decreto, mas que ficou sem realisação. Tambem modernamente ordenou o governo da metropole a creação de uma bibliotheca publica, e para levar a effeito este pensamento civilisador enviou para Moçambique uma porção de livros.

Tem esta cidade uma gazeta official intitulada *Boletim do Governo de Moçambique*, que se imprime na typographia nacional.

O clima da cidade é insalubre, tanto por ser a ilha terra baixa, que o mar alaga em várias partes nas marés cheias, como pela immundicie que ha nos bairros habitados pelos baneanes e outros gentios, e em geral pela falta de policia e de aceio nos outros bairros. Todavia, n'estes ultimos annos algumas providencias hygienicas tem sido postas em pratica, com que melhoraram as condições de salubridade, sendo uma das principaes a reforma do bairro dos gentios.

A ilha de Moçambique tem pouca cultura, o que é devido certamente á falta de agua para regas. Dá pouca hortaliça, e, além de alguns coqueiros, as arvores fructiferas reduzem-se a figueiras, romanzeiras, jambaloeiros, cafezeiros e parreiras, mas de tudo isto pequena quantidade. As arvores de fructo de espinho não se dão na ilha. Por conseguinte, todo o abastecimento da cidade, quanto a carnes, hortaliças, frutas e pão, vem da terra firme. É, porém, mimosa de pescado, que se tira no seu porto e no mar. As principaes especies de peixes, crustaceos e mariscos que vem ao seu mercado são: tainha, garopa, safe, charéo, murim, pampano, papagaio, bacação, chango, sardinha, raia, cavala, sololo, polvo, choco, tartaruga, lagosta, caranguejo, camarão, ostra, ameijoa, combe, saça, caracol namotombe, etc. Ha tambem na ilha as qualidades mais communs de animaes e aves do-

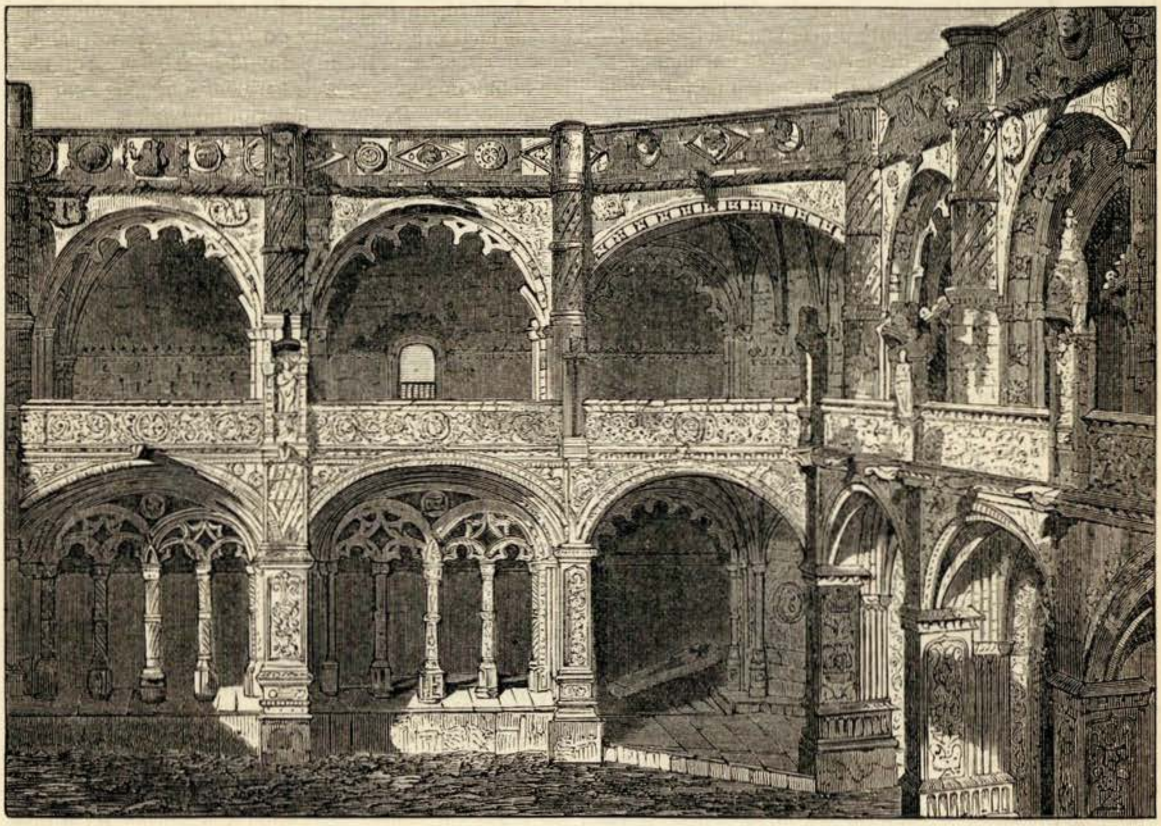
mesticas que temos em Portugal, e algumas poucas aves indigenas.

Os moradores da ilha que não tem cargo publico empregam-se no commercio, na pesca e nos officios de ourives, alfaiate, sapateiro, ferreiro, carpinteiro e outros misteres.

Não obstante o estado decadente a que chegou esta cidade, do qual, felizmente, começa a restabelecer-se, embora com lentidão, ainda é ao presente a praça mais commercial da costa oriental da Africa.

Importa da India diversidade de tecidos de algodão, principalmente os *zuartes* de Goa, de côr azul; e da Europa recebe tambem muitas fazendas de algodão, e mercadorias de muitos generos differentes, não só para consumo dos habitantes da ilha e da provincia, mas tambem para o commercio de permutação de generos que se faz com os pretos do interior da provincia, sobre tudo nas feiras de *Zumbo* e de *Manica*, e, além d'isso, em todo o litoral africano.

Exporta diversos objectos feitos de palha, bengalas e cabos de faca e garfo de abada, caixas de costura de sandalo, carne salgada, bolacha, cera, tabaco, gomma copal, pontas de abada ou rhinoceronte, pelles de animaes, pennas de aves, ambar, resina, urzella, cauril, oiro em pó, gerzelim, coco, farinha de mandioca, arrow-root, sagú, tapioca, polvilho, legumes, mendobim, arroz, café, esteiras de Ibo, tartaruga, castanhas de cajú e massurra, laranjas e limão em conserva, balsamo, salsaparrilha, oleo de ricino, manná e outras drogas medicinaes, anil, cairo em



Claustro do mosteiro de Santa Maria de Belem

rama e em fio, madeira em bruto, malachites, cristal de rocha, etc.

O rendimento da alfandega da cidade de Moçambique no anno de 1857 foi 68:445$075 réis.

O commercio d'esta cidade é feito com as praças de Zanzibar e Anjoanes, na Africa Oriental, com as de Goa, Damão, Diu e Bombaim na India, com as de Lisboa e Marselha na Europa, e com a de Nova York e outras nos Estados Unidos da America do Norte.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE BELEM [1]

O *Archivo Pittoresco* tem-se adornado muitas vezes com gravuras do mosteiro de Belem. Tem consagrado grande numero das suas paginas á historia e descripção d'este edificio. E quem dirá que é de mais? Quem, batendo-lhe no peito um coração portuguez, achará que em demasia fallâmos e apontâmos para as feições venerandas do mais glorioso dos nossos monumentos?

Sim, certamente, o mais glorioso; porque não estão representados n'elle unicamente os fastos militares de Portugal, e os brios e virtudes civicas dos portuguezes. O edificio de Belem não recorda sómente os triumphos e conquistas que encheram de assombro e terror a Africa e a Asia. N'esses insignes feitos de armas podem disputar-lhe gloria os padrões que commemoram as proezas dos heroicos campeões da independencia da nossa patria, quando disputavam o terreno palmo a palmo aos moiros, leonezes, castelhanos e francezes. Porém no que não tem rival o monumento manuelino é em ser o padrão especial de um successo dos mais transcendentes da historia geral da humanidade, successo ao qual cabe o epitheto verdadeiramente glorioso de — victoria da civilisação!

A empreza que immortalisou Vasco da Gama constituiu esse triumpho, assombroso pelas difficuldades que era mister vencer, e immensamente grande pelos seus resultados civilisadores. Assim, pois, aquellas paredes, tostadas por mais de trezentos estios, cobertas de mil delicados e caprichosos lavores, dizem a todos e a quaesquer estrangeiros que surgem no Tejo,

[1] Vid. pag. 2 e 249 do vol. VI, pag. 33 do vol. VII e 241 do VIII.

que foram os portuguezes quem lhes abriu de par em par as portas do Oriente, quem lhes ensinou o caminho ignoto d'essas opulentas regiões da Asia, por tantos seculos ardentemente desejadas e cubiçadas em vão pelas nações da Europa.

Quando se lançou a primeira pedra nos alicerces do templo monumental de Belem, não se entoaram hymnos de agradecimento por triumphos que fossem o preço do sangue humano derramado no campo das batalhas. Aquella ceremonia, solemne e augusta, foi acompanhada simplesmente das orações que um rei e o seu povo, em penhor de gratidão, elevavam ao throno do Altissimo por lhes ter permittido que, rasgando o véo de tenebrosos mysterios, fossem levar através d'elle a luz do Evangelho a tantas nações que viviam na cegueira do erro. Era a celebração religiosa da união da Europa com a Asia e Africa Oriental, cujos laços Vasco da Gama acabava de apertar com tanta felicidade e com tão grande gloria sua e da patria!

Não será, portanto, demasiado que chamemos de novo a attenção dos nossos leitores para esse livro de pedra, onde a poesia de esculptores imaginosos escreveu com tão formosos caractéres a mais bella e luzida pagina da historia de Portugal.

O *Archivo* já tem publicado, juntamente com extensos artigos historicos e descriptivos, quatro gravuras representando interiormente o magnifico templo, os dois ricos portaes que lhe dão entrada, e os lanços ou galerias do claustro vistas internamente. Hoje apresenta aos seus assignantes a perspectiva geral exterior do mesmo claustro. Uma é o complemento da outra, pois que ambas essas gravuras são indispensaveis a quem não tiver visitado o edificio e quizer fazer uma idéa aproximada da sumptuosidade e belleza de uma tal obra.

A pag. 249 do vol. VI póde ver-se a descripção d'este claustro, unico n'este paiz tanto pelo estilo da architectura como pela sumptuosidade da fabrica.

Posto que pertença ás obras executadas durante a vida del-rei D. Manuel, é a parte do edificio que mostra mais evidentemente a transição da architectura gothica para a do *renascimento*. No corpo da egreja e no cruzeiro, acabado depois da morte do fundador, manifesta-se a lucta dos dois estilos architectonicos, como se o triumpho pendesse indeciso entre ambos; porém no claustro predomina o segundo como vencedor. Quasi toda a obra de ornamentação está traçada no mais puro estilo d'essa architectura que substituiu a gothica no meio dia da Europa com o nome de *renascimento das artes*.

Não se tome, porém, como typo d'este estilo a capella-mór da egreja. O mosteiro de Belem foi o ultimo edificio gothico que se construiu na Europa. Quando se lhe abriram os alicerces já eram passados muitos annos depois que a architectura do renascimento se introduzíra na Italia e n'outros paizes, não austera e singela como vemos na referida capella-mór, mas sim alegre, garrida e ataviada com infinita variedade de decorações. D'este estilo assim brincado, que tantos e tão formosos monumentos produziu na Allemanha e na França, nunca houve em Portugal edificio algum.

Como todas as transições que se operavam nas artes gastavam um seculo, e ás vezes mais, para cá chegarem, essa a que nos referimos devia introduzir-se no reinado de D. João III. Porém como similhante estilo se achava em completa opposição com as idéas e costumes da corte que deu entrada n'este reino á inquisição e aos jesuitas, os architectos de D. João III, talvez para que avançasse em alguma coisa o paiz que em tudo mais retrogradava, fizeram-se apostolos do segundo periodo da architectura do renascimento, que surgíra em Roma havia pouco tempo, na fundação de templos, simples e graves. Por esta procedencia com boa razão muitos auctores chamam *romano* a este estilo, que adornou com bellos monumentos a capital do mundo catholico, embora não soubesse inspirar os architectos que o introduziram em Portugal.

O claustro da egreja de Belem não chegou á sua perfeita conclusão, faltando-lhe estatuas em alguns nichos, e n'elles varios coruchéos ou baldaquinos. Porém muito mais sensivel que esta falta foi a destruição que lhe causaram os homens, como se não bastasse a acção destruidora do tempo. Tanto os frades como diversas administrações da casa pia são culpados nas numerosas mutilações que até ha pouco se observavam nas delicadas rendas e graciosas bandeiras dos arcos das galerias superior e inferior. Felizmente, acham-se hoje restaurados quasi todos estes estragos, e prosegue-se na restauração, não só do claustro, mas tambem de todo o monumento.

Quando estiver concluida a frontaria do edificio que foi mosteiro, a qual vae adiantada e em perfeita harmonia com a architectura do templo, publicaremos o desenho d'essa bella e sumptuosa fabrica, e juntar-lhe-hemos algumas noticias e considerações com que completaremos n'este semanario, do melhor modo que podermos e soubermos, a historia d'este monumento artistico, que, a nosso pezar, tem sido escripta aqui aos pedaços, sem a ordem reclamada por um estudo de tal natureza.

A nossa gravura é cópia de uma grande e excellente photographia de mr. Fillon.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 219)

Chegára a Valhadolid, trazendo nos braços uma criancinha de poucos mezes, uma pobre mulher, que, não contando com recursos para viver, implorava a caridade publica, e, sendo fulminada pela epidemia, fôra transportada ao hospital.

A sciencia conseguiu minorar-lhe a intensidade do mal; e não querendo separar-se de sua filha, a pobre enferma póde ter sempre ao lado a criancinha, no leito que a caridade lhe offerecêra no improvisado hospital.

Conseguira uma enfermeira guardar metade de uma cadeia que encontrára lançada ao collo da doente.

— Conserve-a, disse-lhe, talvez com ella possa encontrar a minha familia, se Deus me livrar da morte.

A enfermeira assim lh'o prometteu, e separou-se d'ella para ir receber nova doente, que chegava conduzida por quatro leigos franciscanos.

— Infeliz rapariga! disse a boa mulher vendo-a, quão formosa é! Deus lhe conserve a vida.

A nova enferma foi depositada em um leito contiguo ao da joven da cadeia.

O medico atacou o mal com presteza, e a recem-chegada entrou dentro em pouco em um periodo de reacção, que, se não dava esperanças de salvar-lhe a vida, promettia, quando menos, a sua prolongação.

Os que não descobrem em todos os successos da vida a mão da Providencia, não comprehenderão, de certo, que duas irmãs separadas por numerosas vicissitudes tornassem a encontrar-se junto uma da outra, e ambas no leito da morte; e, comtudo, Anna e Maria, sem se reconhecerem, e sem o esperarem, estavam no mesmo hospital, feridas do mesmo mal, e talvez se separassem para sempre sem se dizerem adeus, sem acharem consolação n'essa triste despedida, se a Providencia não quizesse, nos seus altos designios, proporcionar-lhes esta felicidade, no momento em que julgavam ter perdido todas as esperanças da terra, e unicamente ambicionavam com fervorosa commoção as do ceo.

Maria levava tambem no collo metade de uma cadeia, egual á que a enfermeira guardára, e que era da

primeira doente; vendo, porém, a similhança de ambas, e lembrando-se das palavras de Anna, apressou-se em averiguar o que haveria de commum entre as duas meninas.

Na situação em que ambas estavam, era perigosissimo dizer-lhes: «São irmãs, e o ceo quer que abençoem juntas sua mãe n'este mundo antes de se lhe reunirem no outro.»

O confessor, que auxiliava os moribundos, soube o descobrimento que a enfermeira fizera, e, compadecido da situação das duas irmãs, procurou preparal-as para a estranha commoção que teriam quando se reconhecessem.

Ao anoitecer d'esse dia, quando uma parte dos doentes descançava, e outra se confessava ou recebia a extrema-uncção, soube Anna que sua irmã Maria lhe jazia gravemente enferma ao lado, e Maria que poderia desempenhar-se do encargo que lhe dera sua mãe.

Como chegára Anna até áquelle sitio? Que impulso mysterioso reunira as duas meninas n'aquella habitação da morte?

Anna chegára a Gand mendigando. Ao entrar na cidade ouviu que circulavam boatos de que o reino de Castella proclamára como seu monarcha o infante D. Fernando, e a pobre mãe, allucinada com estas vozes, desejando regressar á Hespanha, e confiando em que, se fosse exacto o que se dizia, encontraria, de certo, amparo no pae de sua filha, ou em que o novo soberano, tão caridoso para com ella, se compadeceria da sua desgraça, decidiu-se, a final, a retroceder, e chegou á costa das Asturias um mez antes de adoecer e de ser transportada para o hospital.

Os ciganos que a roubaram a sua mãe fizeram-n'a padecer muito, e, tendo elles que se partir subitamente das Hespanhas, confiaram-n'a a uma pobre mulher, já entrada em annos, que, vendo-a tão formosa e submissa, lhe tomou grande affeição.

Um dia revelou-lhe Anna a triste historia de sua vida.

— Essa metade da cadeia deves trazel-a sempre comtigo, disse-lhe a mulher, porque ella te guiará para junto de tua familia, a quem jámais deixarás de amar.

Desde então a sua familia foi o bello ideal de Anna; mas a mulher que lhe servia de mãe era tambem cigana e pobre; e como a joven se tornára cada vez mais formosa, entendeu que devia fazer valer a sua belleza, e d'este modo a desventurada Anna, roubada na meninice ao amor maternal, foi vendida, entrando na primavera da vida, ao capricho de alguns nobres de Madrid.

O amor do infante purificou-lhe a alma. Envergonhada do passado, Anna renunciou as galas e as commodidades da vida, para ganhar com uma existencia angustiosa e miseravel o perdão de seus desvarios.

— Se eu encontrasse uma familia honrada entre os meus, dizia para comsigo, uma familia que me perdoasse e protegesse, não ambicionaria outra felicidade senão a de dedicar-me inteiramente a minha filha, que representa para mim o amor e o arrependimento.

Lembrando-se de que D. Carlos parecêra condoer-se da sua triste sorte, deliberou-se a implorar de novo a compaixão del-rei, e dirigiu-se para esse fim a Valhadolid.

Chegou áquella cidade na primeira oitava do Natal, e na seguinte adoeceu.

O resto sabem-n'o os leitores.

Maria, por sua parte, recebêra uma cartinha do rei, que dizia assim:

«Não me esperes. Os negocios do estado complicam-se e tomam-me todo o tempo. Os ultimos acontecimentos, e a peste, sobre tudo, que traz alvoroçados os animos, assim na côrte como entre o povo, privam-me de te ver por algum tempo. Retira-te d'estes sitios empestados. Salva-te como poderes, e se por acaso não nos tornarmos a ver, adeus, Maria.»

Estas palavras, do proprio punho de Carlos, foram outras tantas feridas para o angustiado coração de Maria.

Na sua desesperação pedia a Deus que lhe arrebatasse a vida; e Deus ouviu-a, ou, quando menos, assim o acreditou a pobre menina vendo-se accommettida pela epidemia.

Ainda podia, comtudo, renascer a esperança da sua alma.

Quando soube que sua irmã lhe estava ao lado, quando Anna soube ao mesmo tempo que Maria se encontrava na mesma habitação, ambas quizeram correr a abraçar-se; mas a enfermeira impediu-lhes essa expansão, receiando que peiorassem; e as duas jovens, chorando de alegria, poderam apenas enviar-se infinitos beijos, e fazer protestos sincerissimos de intimo affecto.

A enfermeira, compadecida, juntou quanto lhe foi possivel as camas das duas meninas. Mal se poderia reproduzir a triste conversação de Maria e Anna, das duas irmãs que, depois de terem sido separadas desde o berço, depois de terem padecido tão terriveis desgraças, depois de terem provado o calix de infindas angustias, achavam-se á borda do sepulchro.

Maria cumpriu o encargo. Anna ouviu-a respeitosamente e soluçando. As lagrimas d'esta infeliz provavam dor intensissima.

Faltavam, porém, no interessante quadro outras figuras que deviam completal-o, e que não se fizeram esperar.

Como dissemos, a noite afastára os debeis clarões que entravam pelas janellas ao cair da tarde, e o aspecto da enfermaria era o mais lugubre que póde imaginar-se.

— Onde estão?... onde estão? perguntava uma voz trémula; e d'ahi a pouco entrava na enfermaria um homem já edoso, no maior estado de agitação.

A enfermeira saiu-lhe ao encontro para o deter, e dirigiu-se com elle para um quarto proximo.

— Quem procura?

— Minhas filhas... quero leval-as... Não posso demorar mais um instante sequer a alegria que a minha alma espera ao abraçal-as.

A enfermeira, que sabia o segredo das duas irmãs, perguntou o nome ao desconhecido.

Sabendo-o, ficou enlevada por aquelle duplo e providencial encontro.

— Espere um instante, meu senhor, disse-lhe. A sua presença podia ser prejudicial ás meninas; ainda não estão livres de perigo, e a alegria mata como a angustia.

— Tem razão, boa mulher, respondeu Zumel, porque era, com effeito, o doutor; vá annunciar-lhes a minha chegada como poder, que eu saberei ser prudente.

Foi-se a enfermeira para junto das jovens, a fim de preparal-as, mas encontrou Anna sobresaltada.

— Que tem?

— Ha um momento que minha irmã deixou de fallar-me... Adormeceria?

A enfermeira applicou o ouvido ao peito de Maria, e notou que as pulsações eram fraquissimas. Em seguida, tomou uma lanterna, aproximou-a do rosto da enferma, e viu n'elle os signaes da morte.

— Dorme, sim, disse-lhe... não a acordemos; o somno ha de fazer-lhe bem.

Anna tranquillisou-se, e a enfermeira fallou-lhe da chegada de seu pae. Esta noticia commoveu Anna profundamente.

— Diga-lhe que venha... corra, corra... não deixe perder um instante, quero lançar-me nos seus braços.

O dr. Zumel, que esperava com impaciencia, apressou-se em correr para junto do leito de Anna, e, ajoelhando, confundiu os seus beijos e as suas lagrimas com as de sua filha.

— Acorde Maria, exclamou Anna com voz convulsa, porque a commoção a afogava.

— Não... não... deixemol-a socegar, disse Zumel... beijar-lhe-hei a fronte, sem acordal-a.

Mas depois lançou um agudo grito.

— Que tem, meu pae? perguntou-lhe Anna.

— Que succede ahi? perguntou a enfermeira, acudindo em auxilio do doutor.

— Minha querida filha! exclamou Zumel; cheguei tarde!... A sua fronte está gelada como o marmore, o seu coração já não bate, não respira... Está morta!... Ah! minha querida filha!...

E o desventurado pae caíu no solo como se o ferisse um raio.

Quando tornou a si, Maria fôra tirada da enfermaria, e Anna, entrando em um accesso febril, dava poucas esperanças de vida.

Afflicto o dr. Zumel por esta dupla desgraça, ajoelhou á cabeceira de sua filha, e assim se conservou por muitas horas.

Ao amanhecer, Anna parecia ter socegado alguma coisa, e dirigiu-se ao pae n'estes termos:

— Meu pae... vou morrer. Sou mãe, e o coração não me engana. Amei profundamente um homem, e devo-lhe uma filha. Esse homem é o infante D. Fernando. Minha filha está ao cuidado da enfermeira; vigie-m'a, receba-a em seu seio, e ensine-lhe a abençoar-me. Mas quero ainda pedir-lhe um favor. El-rei D. Carlos valeu-me um dia, quando minha filha e eu nos achavamos na miseria. Recebi d'elle um annel, que está em poder de um commerciante de Gand, o judeu Samuel. Resgate-me o annel, e entregue-o a minha filha. Ella saberá conserval-o.

Quando acabou de fallar permaneceu por algum tempo em profundo lethargo.

O dr. Zumel contava-lhe as pulsações...

Quando os raios do sol entravam na enfermaria, o infeliz pae regava com lagrimas de sangue o cadaver de outra sua filha.

Maria achava-se já na casa mortuaria, e poucas horas depois devia ser enterrada.

(Continúa) B. A.

PENSAMENTOS DIVERSOS

O que soube grangear uma boa casa, simples e agradavel, e tem boa mesa, nada devia exigir para os sentidos; mas devia dedicar os ocios, e o que podesse poupar, para a sua educação e a de sua familia, para a compra de livros sãos, para o cultivo de relações agradaveis e uteis, para o cumprimento de certos deveres da humanidade, para o gozo, em fim, do bello, assim em relação á natureza como em relação á arte.

Ha muitas pessoas que, infelizmente, se illudem com o desejo de rivalisar em opulencia com os visinhos ricos, e, em vez de se tornarem superiores a elles pela pratica de boas e nobres acções, condemnam-se á esterilidade da intelligencia, á infecundidade do espirito e da imaginação, á privação dos gozos mais puros e elevados, á ignorancia, se não ao vicio, por uma apparencia vã e digna de censura.

O trabalho é a origem da moralidade, assim como a caridade a verdadeira base da religião christã.

O beneficio que se faz sem discernimento alimenta a ociosidade, e póde incitar a mentira, a fraude e os artificios de toda a especie.

O pobre mau venderá tudo, sem exceptuar a virtude. Por isso, quando não houver cuidado na distribuição dos soccorros, augmentará o numero dos pobres maus.

CINTRA

QUINTA DE PENHA VERDE [1]

Saíndo de Cintra pela estrada que conduz a Collares, passa-se, logo adiante dos Seteais, por uma quinta meio assentada na encosta da serra, meio subindo por varios cabeços pedregosos, e toda assombrada por basto arvoredo, muda testimunha de quatro seculos. Ninguem vae a Cintra, certamente, sem ir gozar ledos momentos e gratas recordações n'essa estancia que os bosques, as fontes e as vistas encantadoras fizeram extremamente aprazivel e amena, e que as memorias de um heroe tornaram um logar historico.

N'essa quinta, a que bem quadra o seu nome, porque toda ella é uma *penha*, que as arvores, a relva e o musgo conservam perennemente *verde;* n'essa quinta, dizemos, veiu descançar das suas lides de Africa o illustre D. João de Castro; e d'ella foi chamado por D. João III para ir governar o grande imperio portuguez, fundado na India por D. Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque! N'essa quinta, em fim, veiu repoisar-se o grande vice-rei da India das duras fadigas e gloriosas emprezas que fizeram o seu nome temido e respeitado em toda a Asia. Alli, na modesta casa terrea que habitava o que víra tantos soberanos humilharem-se ao seu aceno, vinham amiudadas vezes procural-o el-rei D. João III e seu irmão, o infante D. Luiz, este como amigo intimo, e tambem como quem queria aprender na conversação do esforçado patriota a servir a patria com honra e proveito d'ella e gloria sua; aquelle como soberano e apreciador dos dotes do vassallo, para o consultar nos negocios graves do estado.

Esta propriedade, pois, ao mesmo tempo que é um monumento glorioso do paiz, por ser fundação ou ter pertencido e servido de residencia a um dos homens que mais honra deram ao nome portuguez e que mais engrandeceram a Portugal, é tambem um verdadeiro padrão da antiga probidade e abnegação dos nossos maiores.

Quando D. João de Castro se viu triumphante do poderoso exercito que tivera a cidade de Diu em tão apertado sitio e em tanto perigo de se perder para a coroa lusitana, não quiz mais premio para tão extremado feito, que um rochedo cercado por seis arvores, que se erguia sobranceiro á sua quinta de Cintra, e que elle cubiçava, talvez, para assento de alguma ermida, fundação que um neto seu realisou, erigindo n'aquelle alto, a que pozeram o nome de *monte das Alviçaras*, uma capella dedicada a Santa Catharina.

Da casa onde nasceu D. João de Castro cremos que poucos ou nenhuns vestigios restam. No seu logar está hoje a casa do caseiro. Conservam-se, porém, na quinta várias memorias que recordam simultaneamente a existencia do inclito vice-rei e a sua gloriosa passagem na India.

Trataremos em outra occasião d'estas memorias e da descripção da quinta, diligenciando então mostrar em gravura aos nossos assignantes algum dos sitios mais pittorescos d'esta deliciosa e romantica propriedade, possuida pelo sr. conde de Penamacor, descendente e representante de D. João de Castro.

A gravura a pag. 209 representa uma vista pittoresca de ao pé do portão da quinta de Penha Verde. É cópia esta gravura de uma excellente photographia tirada pelo sr. Munró, que exerce esta arte por simples curiosidade, mas com a proficiencia de mestre.

I. DE VILHENA BARBOSA.

1 Por um equivoco da nossa parte, foi acompanhada a gravura a pag. 209 com um artigo que lhe não dizia respeito. Pedindo desculpa d'esta falta aos nossos leitores, publicâmos o artigo concernente á dita gravura, cujo titulo se deve emendar para — *Vista pittoresca de Penha Verde.*